



IN MEMORIAM

MANUEL^{de}
ARRIAGA

1840 - 1917

IN MEMORIAM

MANUEL_{de}
ARRIAGA

1840 - 1917

MANUEL DE ARRIAGA

08.07.1840 – 05.03.1917



Manuel de Arriaga, enquanto
estudante em Coimbra.
Colecção particular

Manuel José de Arriaga Brum da Silveira nasceu na cidade da Horta, ilha do Faial, a 8 de Julho de 1840. Era o quarto filho de Sebastião de Arriaga Brum da Silveira e de Maria Cristina Pardal de Arriaga. Pertencia a uma família aristocrática e com posses, mas sabe-se pouco sobre a sua infância e juventude.

Matriculou-se no curso de Direito, na Universidade de Coimbra, em 1861. Nesta cidade conviveu com Antero de Quental e fez parte da Sociedade do Raio, uma organização estudantil que lutava pela reforma do ensino universitário. Em 1862, foi um dos 315 signatários do *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à Opinião Ilustrada*. Neste período aderiu às ideias republicanas e incompatibilizou-se com o pai, monárquico. O corte de relações significou o fim do apoio financeiro paterno e Manuel de Arriaga viu-se obrigado a dar aulas de inglês para poder sustentar os seus estudos. Apesar das dificuldades e da participação activa nos movimentos estudantis da época, Arriaga foi um dos melhores alunos do seu curso, tendo obtido o grau de bacharel em 1865 e a formatura em 1866.

Entre 1866 e 1872, viveu em Lisboa. Na capital, integrou a equipa do jornal *A República. Jornal da Democracia Portuguesa*, com Antero de Quental, Oliveira Martins, Luciano Cordeiro, Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis.



Manuel de Arriaga, sentado à mesa de trabalho
Colecção particular

Esteve ainda ligado ao projecto das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, assinando o documento de protesto contra o seu encerramento em Julho de 1871. No ano seguinte, regressou a Coimbra para fazer a licenciatura, trabalhando como professor de inglês no Liceu daquela cidade. Casou a 14 de Maio de 1874, em Valença do Minho, com Lucrecia Berredo e Mello, namorada de longa data, de quem veio a ter seis filhos. Obtida a licenciatura em Direito, em 1875, Arriaga instalou-se com a família em Lisboa. Abriu escritório de advogado na Rua da Prata e deu aulas de Inglês no Liceu Nacional de Lisboa, até 1880.

Em finais da década de 1870, Manuel de Arriaga começou a colaborar com os grupos republicanos da capital, participando em comícios de protesto, aderindo ao Clube Republicano Federal (1879) e ao Clube Henriques Nogueira (1881), apresentando-se como candidato republicano às eleições e defendendo em tribunal alguns correligionários, acusados de desobediência à autoridade e incitamento à revolta popular. Fez ainda parte de várias comissões e assembleias de centros que por esta época procuravam organizar o Partido Republicano. Em 1882, um grupo de republicanos da Madeira convidou-o para ser candidato por aquele círculo eleitoral. Em Novembro, depois de uma votação renhida e cheia de peripécias, Arriaga foi eleito para a Câmara dos Deputados, ocupando o seu lugar no Parlamento em Janeiro de 1883. No verão desse ano, realizou-se o 1.º Congresso do Partido Republicano Português, Manuel de Arriaga teve um papel de relevo na elaboração dos artigos orgânicos aprovados nessa reunião e foi eleito para o Directório – o órgão que chefiava a estrutura partidária.

Os anos seguintes foram os mais activos da sua vida política. Arriaga dedicou-se à difusão das ideias republicanas em Portugal e à consolidação do partido. Como deputado (1883-1884 e 1890-1892) criticou fortemente a governação monárquica propondo um novo regime. Defendeu as suas ideias em comícios e assembleias, em várias regiões do país. Era uma figura popular, conhecida pelos seus dotes oratórios e empenho na causa republicana. Como advogado defendeu jornais e correligionários acusados de crimes contra a monarquia. O seu caso mais famoso foi a defesa de António José de Almeida, em 1890. O então estudante de Medicina tinha sido preso, por ter publicado um poema que ridicularizava o rei D. Carlos. Arriaga esteve também estreitamente ligado à definição e organização do PRP, participando nos seus congressos e escrevendo vários projectos – propostas para um programa político, regulamentos internos e directivas para as bases – destinados a consolidar o movimento e a harmonizar as várias facções em que se encontrava dividido. Foi, por várias vezes, membro do Directório, tendo sido presidente deste órgão entre 1897 e 1899. Depois de 1900, Manuel de Arriaga

afastou-se progressivamente da direcção do partido, onde uma nova geração revolucionária se afirmava. Mas manteve a sua colaboração nas acções de propaganda, sendo frequentemente solicitado para inaugurações e festas em centros republicanos, comícios e conferências, pois era personalidade sumamente prestigiada.

Proclamada a República a 5 de Outubro de 1910, Manuel de Arriaga foi nomeado Reitor da Universidade de Coimbra (31 de Outubro) e Procurador Geral da República (16 Novembro). Em Maio de 1911, foi eleito pelo círculo do Funchal para a Assembleia Nacional Constituinte, onde desempenhou as funções de presidente das Comissões dos Negócios Estrangeiros e Redacção. Esta mesma Assembleia escolheu-o, por votação, para Presidente da República, a 24 de Agosto desse ano. Os outros candidatos eram Bernardino Machado, Duarte Leite, Sebastião de Magalhães Lima e Alves da Veiga.

O período da Presidência de Manuel de Arriaga, de 1911 a 1915, foi muito conturbado. À instabilidade governativa - provocada pelas divisões e rivalidades das facções em que se dividira o velho Partido Republicano Português - vieram juntar-se a crise económica, a contestação social, as incursões monárquicas e a dificuldade no reconhecimento do novo regime pelas nações europeias. Situação que se agudizou ainda mais com o início da Primeira Grande Guerra em 1914. Em cerca de quatro anos, Manuel de Arriaga deu posse a 8 governos. Dotado de poderes muito limitados, o Presidente da República viu-se com a difícil tarefa de gerir conflitos, num equilíbrio precário entre a necessidade de agir e o que lhe era permitido pela Constituição. Em Maio de 1915, o governo do General Pimenta de Castro, nomeado por iniciativa presidencial, foi deposto por uma sangrenta revolução que ficou conhecida pelo 14 de Maio. O Presidente Manuel de Arriaga renunciou ao seu cargo pouco tempo depois, a 26 do mesmo mês.

Abandonando a vida pública, Manuel de Arriaga teve necessidade de se explicar e de justificar os seus actos enquanto Presidente. Em Junho de 1916, foi publicado o seu livro de memórias, *Na Primeira Presidência da República. Um rápido relatório*. Manuel de Arriaga faleceu a 5 de Março de 1917. O jornal *O Mundo* escreveu então nas suas páginas: «*Ele foi, durante muito ano, um farol e uma bandeira da democracia. Pela sua idade, pelos seus serviços, pela sua isenção, pela frescura com que sempre advogou os ideais de liberdade e justiça, o Dr. Manuel de Arriaga foi um dos símbolos mais queridos das aspirações populares*» (06-03-1917).

Joana Gaspar de Freitas

A autora do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico



Manuel de Arriaga, 1913
Arquivo Fotográfico Municipal / Lisboa



1840 - 1917

CENTENÁRIO DA MORTE DE MANUEL DE ARRIAGA



Manuel de Arriaga
Colecção particular



Cortejo fúnebre de Manuel de Arriaga, 1917
Colecção particular

Manuel José de Arriaga Brum da Silveira foi o primeiro Presidente eleito da República Portuguesa, tomando posse a 24 de agosto de 1911. Enquanto chefe do Estado, lutou por conciliar as várias facções republicanas, mas acabaria por assistir, impotente, ao degradar da situação política nacional. No dia 29 de maio de 1915, a quatro meses de terminar o seu mandato presidencial, Manuel de Arriaga, desiludido, renuncia ao cargo.

Os dois últimos anos de vida serão sobretudo dedicados à redação das suas memórias. No final do inverno de 1917, porém, o seu estado de saúde complica-se, consequência de uma inflamação brônquica que o vinha a afligir ao longo de vários dias. Após ter sido tratado pelo seu médico assistente, o Dr. José Joaquim de Almeida, por volta das 5 horas do dia 5 de março, Manuel de Arriaga acabará por falecer na sua residência particular, situada na Rua de S. Francisco de Paula, em Lisboa. Tinha 76 anos de idade. Os preparativos para o funeral começaram de imediato.

Coube a Luís Xavier da Costa e João Carlos Tavares, genros de Manuel de Arriaga, vestirem o antigo chefe do Estado, auxiliados por Lucrécia Arriaga, sua mulher, e Maria Máxima, sua filha, que o velavam. A urna, em madeira de mogno, bem como os restantes serviços funerários, ficaram a cargo da agência Lopes, Magno & C.^a.

Na sala escolhida para o velório, optou-se por uma decoração austera, sendo apenas colocadas junto ao caixão duas toalhas – uma de linho e outra de seda –, oferecidas por Silva Roda, antigo amigo da família. A toalha de seda, ricamente decorada, apresentava dois medalhões pintados, um com o retrato de Manuel de Arriaga e outro com um grupo de crianças e a seguinte mensagem: «Toda a sua existência foi consagrada a abrir o caminho que nos legou. Prometemos, com o nosso trabalho, perpetuar a sua memória».

Ao receber a notícia, o Presidente da República, Bernardino Machado, adia imediatamente uma visita agendada à Escola de Aviação de Vila Nova da Rainha, viajando da Cidadela de Cascais em carruagem fechada para Lisboa. Ao final da tarde, acompanhado por Barreto da Cruz, secretário-geral da Presidência da República, chega à residência de Manuel de Arriaga para apresentar condolências à família.

Tal como o chefe do Estado, muitos foram aqueles que fizeram questão de se dirigirem à Rua de S. Francisco de Paula para prestar uma última homenagem. Entre eles, o ilustre republicano António José de Almeida. Também presentes estiveram os ministros de Inglaterra, França, Bélgica e Estados Unidos da América, o presidente do Ministério e os ministros da Instrução, do Fomento, da Justiça e do Interior.

No início da tarde do dia 6 de março de 1917, deu-se, então, início ao cortejo fúnebre, que partiu da Rua de S. Francisco de Paula em direção ao cemitério dos Prazeres. Por volta das 15 horas, seis bombeiros voluntários da 1.^a secção de Lisboa e dois da Amadora depositaram a urna, coberta com a bandeira nacional, no interior de um carro funerário, que seria depois puxado por uma parelha de cavalos negros. À porta da residência particular de Manuel de Arriaga já se encontrava, sob o comando do capitão Aguiar, um esquadrão de cavalaria da Guarda Republicana, bem como vários alunos da Escola de Guerra, responsáveis pela guarda de honra.

Estava, finalmente, tudo a postos para a saída do cortejo fúnebre que, com grande morosidade, seguiu pela Rua das Janelas Verdes, depois pela Calçada do Marquês de Abrantes em direção à Avenida das Cortes – atualmente designada Rua Manuel de Arriaga. Dali subiu da Calçada da Estrela para a Rua Domingos Sequeira, terminando no cemitério dos Prazeres.

Como relatou a imprensa da época, pessoas de todas as classes sociais juntaram-se também ao funeral e, sempre com o maior respeito e comoção, assistiram à passagem do préstito debaixo de fortes aguaceiros.

Pouco depois das 16 horas, o cortejo chegou, por fim, à última etapa do seu itinerário. O Presidente da República, Bernardino Machado, acompanhado pelos oficiais às ordens, o tenente-coronel Gomes e o capitão-tenente Aprá, foi recebido pelo pessoal superior da administração do cemitério. Ao som de salvas das baterias de artilharia e infantaria, a urna foi retirada do carro funerário pelos bombeiros voluntários e, sem discursos, depositada no jazigo de família, na rua n.º 7.

A morte do primeiro Presidente eleito da República Portuguesa fez-se notar tanto em Portugal, como no estrangeiro.

A Câmara dos Deputados foi suspensa e o governo decretou funeral nacional em honra de Manuel de Arriaga. O Ministério do Interior, bem como todas as suas dependências, mantiveram a bandeira nacional a meia haste, sendo o mesmo procedimento seguido de norte a sul do país, tanto em instituições civis, como militares.

Dos diferentes quadrantes políticos multiplicam-se os elogios. Barbosa de Magalhães, representante dos parlamentares de esquerda escreve: «um exemplo de vida como advogado e como combatente da República». José Maria Gomes, representante do Partido Evolucionista, afirma ter desaparecido «um grande vulto moral que precisamos imitar». Na cidade do Rio de Janeiro, tanto no Clube Republicano Português, como na Câmara Portuguesa de Comércio, a bandeira brasileira foi colocada a meia haste. Inúmeros políticos, jornalistas e vultos da cultura deixaram também os seus cartões de visita na embaixada e no consulado de Portugal.

A notícia da morte de Manuel de Arriaga ocupou as primeiras páginas dos principais jornais portugueses, seguidas por detalhadas reportagens. *O Século*, *O Mundo*, *Diário de Notícias* e *Ilustração Portuguesa* são exemplos disso. Em Espanha, por sua vez, os jornais *La Época*, *La Acción* e *El Día* noticiaram o falecimento num tom afetoso, da mesma forma que o fizeram praticamente todos os jornais vespertinos no Rio de Janeiro.

Quase um século depois da morte de Manuel de Arriaga, em 2003, a Assembleia da República decide conceder-lhe honras de Panteão. Aprovada a resolução n.º49/2003, a 16 de setembro de 2004, o país assiste à cerimónia de transladação e deposição dos seus restos mortais para o Panteão Nacional, onde repousa até hoje.

SÁTIRAS DE
MANUEL DE ARRIAGA

BURROMEU E FLORIDOR

Fizeram de mim dois entes
Inteira­mente diferentes!...

Um é simples, sóbrio e honesto
Tem por timbre ser modesto
Inimigo¹ de ostentações
De grandezas... de paixões!...

Contra as duras leis da vida
Que nos movem crua guerra,
Viveu sempre terra-a-terra
Com conta, peso e medida...

Implacável em manter
Sem trepidar, sem descanso
Dia-a-dia o seu balanço
Entre o deve e há-de haver!...

Uma espécie de Espartano...
Severo sem ser tirano!...

A este ser todo humano,
Cumpridor fiel da lei
Burromeu lhe chamarei...

O outro... O outro?!... é catita
Em régios paços habita!...
Tem dezenas de criados
Vive livre de cuidados
Vive livre de empecilhos,
Não tem mulher, não tem filhos...
Gentil homem prazenteiro
Sabe usar do seu dinheiro,
Receber nos seus jardins
Por entre arbustos e flores

Soberanos² e embaixadores...
Dar-lhes chás, dar-lhes festins

Dar-lhes esplêndidas funções.
E como na vida humana
Muita coisa [?] insana,
Pode dar-se aos vãos prazeres:
Jogos, ceias e mulheres...
Já que o mundo é mar de enganos
Onde tudo finda em nada,
Vive vida regalada
À laia de outros soberanos³...
Fátuo, soberbo e jucundo!...

A este grande do mundo
A este grande Senhor
Chamarei o Floridor!...

Contradizem-se... e depois
Querem saber qual dos dois
Dentro do mundo que é seu
É afinal superior:
Se será o Burromeu,
Se será o Floridor...

Mas um simples, tal como eu,
Levado pelo pendor
Das graças que o céu lhe deu,
Manda ao Demo o Floridor
E quer ser o Burromeu.

Belém

1 Na versão original lê-se: “imigo”

2 Na versão original lê-se: “sobranos”

3 Na versão original lê-se: “sobranos”

O PRESIDENTE

Chegou a ser uma praga,
Em toda a parte patente
O nome do Presidente
Dr. Manuel de Arriaga!...

Deram-lhe o nome a ruelas
A bolos, doces e vinhos,
A chapéus e a colarinhos,
E a outras mil bagatelas!...

Alguém oposto a que a história
Em letras de ouro se escreva,
Quis unir-lhe o nome e a glória
A fumo que o vento leva...

Qual pucarinho de barro
Que um rapaz partiu sem dó:
Fizeram dele um cigarro
E reduziram-no a pó...

De tanto gosto sem siso
Só esse teve juízo!...

Belém, setembro de 1912

PROMULGAR É VOSSO OFÍCIO...

Excelência! é vosso ofício
Promulgar de pronto as leis,
Remédios são, bem sabeis.
Contra muito malefício!...

Promulgai! Vede excelência,
Que n' estes momentos críticos
Os pais da Pátria e os políticos
São a nossa providência!...

Promulgai! A pátria exangue
Por causa de mil azares,
Quer remédios salutareis,
Que lhe dêem vida e sangue!...

Promulgai! [?] à ideia
Que nessa série infinita
De leis [?]
Uma falsa panaceia

Promulgai! tende coragem!
Promulgar é o nosso ofício,
Traz a todos benefícios
E até mesmo a desvantagem!...

Respondi: sou já muito velho
Sou já muito experimentado
Mas com sou ponderado,
Seguirei vosso conselho...

O meu pensar não divulgo
Calco em mim o próprio tédio!...
Trazeis-me mais remédio?!
Pronto! Está bem! Eu promulgo!...

Cem e mais leis com fartura!...
Remédio para o doente!...
Receio que o padecente
Não resista a tanta cura!...

O juízo humano é vário!
Talvez não tenha razão
Esta minha opinião,
Meu sisudo secretário!...

Belém, maio de 1913

CRONOLOGIA

CRONOLOGIA

1840

8 julho

Nasce na cidade da Horta, ilha do Faial. Manuel José de Arriaga Brum da Silveira é o quarto filho de Sebastião de Arriaga Brum da Silveira e de Maria Cristina Pardal de Arriaga.

1861

Matricula-se no curso de Direito, na Universidade de Coimbra, onde convive com Eça de Queirós, Teófilo Braga, Anselmo de Andrade e Antero de Quental.

1882

26 novembro

Eleito deputado pelo círculo eleitoral do Funchal (eleição suplementar para um lugar deixado vago por morte do seu anterior titular).

1882

dezembro

Integra a Comissão encarregada de redigir os Estatutos do Partido Republicano Português (PRP).

1890

11 fevereiro

Reunião convocada para o Coliseu a fim de se discutir a situação política criada pelo Ultimato inglês de 11 de janeiro. Polícia efetua detenções, entre as quais a de Manuel de Arriaga, que permanecerá 10 dias na prisão.

1890

Encarrega-se da defesa de António José de Almeida num processo de que é alvo por causa do famoso texto «Bragança, o último», publicado em março de 1890, após o Ultimato.

1891

Integra a Comissão encarregada de redigir programa do PRP e faz parte do seu Diretório.

1910

19 outubro

Toma posse como Reitor da Universidade de Coimbra, cargo para o qual fora nomeado pelo ministro do Governo Provisório, António José de Almeida.

1910

17 novembro

Nomeado procurador-geral da República.

1911

28 maio

Eleito deputado à Assembleia Constituinte pelo círculo do Funchal.

1911

12 junho

Homenageado por um grupo de amigos no Coliseu de Lisboa. O seu nome é falado como provável próximo Presidente da República.

1911

24 agosto

Eleições presidenciais. Votantes: 217 deputados. Manuel de Arriaga é eleito com 121 votos.

1912

24 junho

Presidente autorizado a arrendar para residência própria e da família o Anexo do Palácio de Belém (edifício onde estão atualmente instaladas as assessorias da Casa Civil e Militar).

1914

Celebrado contrato de arrendamento da cidadela de Cascais, em nome de Roque de Arriaga (filho e chefe de gabinete de Manuel de Arriaga) para residência de verão do Presidente.

1914

1-4 agosto

Início da Grande Guerra.

1915

20-22 janeiro

«Movimento das Espadas» (protesto de oficiais contra a transferência de um seu camarada alegadamente por motivos políticos).

1915

24 fevereiro

Nova Lei eleitoral (redefine círculos, concede direito de voto a oficiais e sargentos das Forças Armadas). Eleições marcadas para 6 de junho.

1915

27 maio

Parlamento aceita resignação de Manuel de Arriaga, comunicada formalmente no dia anterior, e elege Teófilo Braga para concluir o mandato do Presidente eleito em 1911.

1916

Publica o livro *Na Primeira Presidência da República Portuguesa. Um Rápido Relatório*.

1917

5 março

Morre, em Lisboa.

2004

16 setembro

Trasladação dos restos mortais de Manuel de Arriaga para o Panteão Nacional.

Agradecimentos

Arquivo Histórico Parlamentar

Arquivo Municipal de Lisboa-Fotográfico

Fundação Portuguesa das Comunicações

Joana Gaspar de Freitas

Museu de Lisboa

Natália Correia Guedes

RTP - Rádio e Televisão de Portugal



Retrato oficial de Manuel de Arriaga Brum da Silveira
Columbano Bordalo Pinheiro, 1914
Óleo sobre tela
Museu da Presidência da República

Mecenato



Organização



Museu da
Presidência
da República